

Editorial

Estamos em meados de 2004. Há pouco mais de cem anos começaram a formar-se as comunidades chinesas de Moçambique. A da Beira e a de Lourenço Marques. Já nenhum pioneiro está vivo. E são poucos aqueles com noventa ou mesmo com oitenta anos. Que lástima para a nossa memória colectiva se eles não deixaram o seu testemunho. A história das suas vidas.

O cidadão ChinJó Ng Deep completa a 16 de Julho noventa anos! A *Gazeta* felicita-o e deseja-lhe bem estar junto dos seus. Mas também lhe pede que legue à sua família e a todos nós a sua memória.

Os números anteriores podem ser visitados em www.cidehus.uevora.pt. Informem os vossos amigos.



16 de Julho de 2004 - 90 anos: Percurso de uma longa vida

Chong Ching Ing Deep, mais conhecido por ChinJó, foi o 6º dos 14 filhos de Ng Kei Yu (Ng Deep, 1869-1943). Foi sua mãe Chirewa Luisa Raimundo (1895 - 1960), natural de Moçambique, filha de um português e de uma africana. Foi a 2ª esposa de Ng Deep. Chinjó nasceu a 16 de Julho de 1914. Seu pai trabalhava e vivia na margem esquerda do Chiveve numa casa de madeira e zinco, onde foi mais tarde a oficina da Beira Engineering e construído depois o Prédio Infante de Sagres. A seguir à 1ª Guerra mudou-se para uma outra casa de madeira e zinco na margem direita do Chiveve, no Bairro Dez. Chegada a idade da escola, Chinjó foi estudar para a Escola Chinesa (em língua cantonesa) na zona do Chaimite. Mais tarde estudou em português, até à 4ª Classe, na Escola Eduardo Vilaça. Após a escola portuguesa, Chinjó foi trabalhar para a Hap Wo Farm, uma exploração agrícola dirigida à distância por Ng Deep e amigos. Chinjó acabou por gerir a mercearia e o bar nessa *Farm*, os dois estabelecimentos destinavam-se aos trabalhadores africanos e também britânicos das obras da 2ª ponte férrea sobre o rio Pungué. Foi escolhido entre os irmãos porque os mais velhos acompanharam o

pai à China para se cultivarem e para fins matrimoniais.

Após alguns anos no Pungué, Chinjó regressou à Beira para gerir uma mercearia que a família abriu no Maquinino. Mas em 1934, foi admitido na empresa *Beira Engineering* (da Ford) a fim de aprender o ofício de mecânico. Todavia, por falta de um técnico na secção de peças na empresa foi para ali transferido, onde se manteve até 1959. Aprendeu a gostar das novas funções que desempenhou com rigor e profissionalismo.

Após a morte do pai, em 1943, Chinjó assumiu o governo da casa da mãe e da educação dos dois irmãos mais novos: Maria Luísa e Chin Pói.

Embora não fosse um grande praticante de basquetebol e de futebol, ChinJó foi, em 1947, sócio fundador do *Tung Hua Athletic Club*, mais conhecido por *Atlético Chinês*. Era, no entanto, amante da pesca desportiva e apreciador de fins de semana no mato para caçadas de animais bravios de grande porte.

Em 1955, com o amigo Tcheu Tung Fú, abriu uma casa de pasto e de comércio geral na Manga, junto à passagem de nível. Mas a sociedade terminou em 1962, para se iniciar outra, continuando no entanto a exploração do negócio com a esposa.

É que em 1959, Chinjó tinha contraído matrimónio, por procuração, com Sue Chin Sito, natural da província de Cantão. Do casamento com Dona Gina – assim passou mais tarde a ser conhecida na Beira –, tiveram três filhos: o Rolando que vive em Londres, o Décio, em São Paulo, e o Daniel, em Faro, Portugal.

Em 1962, abriu em sociedade com o mesmo Tcheu Tung Fú, mais o Poo Qun e o Ah Peu, a *Auto Super Acessório*, no Maquinino.

Em 1973 mudou-se para casa nova, com loja, próximo da antiga, na Manga. E aí viveu até 1976, quando veio para Portugal. Os dois filhos mais velhos seguiram para Curitiba, no Brasil, com um casal amigo, Chow Ming e Amélia. O mais novo, ficou algum tempo em Hong Kong em casa de tios maternos. Quando, após seis penosos anos, Chinjó e a esposa (re)obtiveram a nacionalidade portuguesa em Portugal, os filhos do Brasil, já maiores, quiseram ficar por lá, e o mais novo quis permanecer junto dos pais.

A integração da família Chinjó em Portugal foi inicialmente muito atribulada e difícil, como qualquer outra família de imigrantes das ex-colónias. Primeiro em casa de sobrinhos, depois em pensões em Marco de Canavezes, Caldas de Aregos e Termas de São Pedro do Sul. Finalmente, em 1982, foi-lhes atribuída uma casa social em São João da Madeira. Mas acabou por ir viver com o filho, no Algarve.

Chinjó conta agora 90 anos, e é o patriarca de uma família da diáspora que engloba filhos, netos, sobrinhos, sobrinhos netos, bisnetos, espalhados pela Europa, Ásia, África e Austrália.



A bicicleta

Até tarde, nos anos 50, a bicicleta foi o meio de transporte por excelência na plana cidade da Beira. Só a partir desta data é que uma parte significativa da sociedade colona de origem europeia, asiática (chinesa e indiana) e mestiça passou a usar motorizadas e automóveis. Mas a bicicleta continuou a ser muito usada entre os jovens colonos, os colonos com menos posses e os chamados indígenas. A *burra*, como era chamada a bicicleta na Beira, tinha registo na Câmara, e o seu condutor, carta de condução.